

# Percepção – castração – cisão: as múltiplas faces do Eu

Débora Zaffari Lora<sup>1</sup>

Ignácio Alves Paim Filho<sup>2</sup>

Luciana Nunes de Nunes<sup>3</sup>

Tânia Nara Carvalhal Israel<sup>4</sup>

## RESUMO

No presente texto, propomo-nos a refletir sobre a problemática da percepção, desde a perspectiva freudiana, em seu duplo vértice – consciente e inconsciente – em sua íntima relação com a constituição metapsicológica do Eu. Com essa expectativa em mente, tomamos como mediador o complexo de castração, esse que tem a função de ser o organizador, por excelência, da vida psíquica. Trabalhamos as consequências de sua percepção nos processos de cisão do Eu: recalque (*Verdrängung*), renegação (*Verleugnung*) e rejeição (*Verwerfung*). Esse contexto das cisões nos impele no sentido de instrumentalizar recursos que deem sustentação, que permitam avançar para além do viés psicopatológico. Diante dessa configuração, utilizamos o personagem Norbert Hanold, do *Gradiva* de Jensen, para personificar a plasticidade estrutural do Eu com suas cisões, nos processos de defesa. Compreendemos que as vicissitudes dessas cisões são os modeladores das múltiplas faces do Eu.

**Palavras-chave:** Cisão. Eu. Recalque. Rejeição. Renegação. Castração. Percepção.

---

1 Psicóloga, Membro associado do CEPdePA, Membro titular do CEAPIA e Membro aspirante da SPPA

2 Médico, Psicanalista, Membro pleno do CEPdePA, Membro titular e didata da SBPdePA

3 Psicóloga, Psicanalista, Membro associado do CEPdePA

4 Psicóloga, Psicanalista, Membro associado do CEPdePA

*“Da minha juventude, sei que os cavalos selvagens dos pampas,  
uma vez laçados, mantêm algum temor durante toda a vida.  
Eu conheci a pobreza desprotegida e não paro de temê-la.”*  
(Freud a Fliess, 21 de set. 1899/1986a)

Refletir, questionar, divergir, convergir diante de ideias ou ainda proposições é uma tarefa permeada por vivências sinistras. Tarefa que em sua origem, com seus descortinamentos, sempre estará atravessada pela percepção inconsciente. É com esse complicador e facilitador que, paradoxalmente, vamos nos deparar na construção do presente texto, no qual pretendemos estabelecer um diálogo com o conceito de percepção. Concebemos a percepção como o eixo em torno do qual o mundo interno e o externo interagem. Sendo assim, a partir dela, com seus desdobramentos, diante do impacto da castração, nos ocuparemos da participação da percepção na cisão, essa que modelará as múltiplas faces do Eu: *Eu conheci a pobreza desprotegida e não paro de temê-la.*

Nossas indagações foram germinando a partir do reencontro com o texto de 1938, *A cisão do Eu nos processos de defesa*. Trabalho inacabado, convite para produzir derivativos. Sim, especular ideias, pensar o lugar da cisão, do patológico ao estruturante da psique. Como afirma Freud (1911b, p. 268), tudo é uma questão de intensidade: “[...] a psicanálise demonstrou que não existem diferenças fundamentais, mas apenas de grau, entre a vida mental das pessoas normais, neuróticas e dos psicóticos”. Seguindo esse pensar, qual o motivo para Freud, no final da vida, retomar o tema da cisão? Seria mais uma recomendação, seguir pensando sua pertinência nas diferentes estruturas psíquicas, em especial, seu caráter constitutivo: similar à cisão do recalque?

Por esse caminho, acreditamos ser importante rever e, quem sabe, ampliar as formas de cisão que nos foram legadas por Freud: recalque (*Verdrängung*), renegação (*Verleugnung*) e rejeição (*Verwerfung*). Nossa meta é revê-las, tendo por escopo a percepção do complexo de castração – o organizador, por excelência, da vida psíquica. Assinalamos que compreendemos a castração em sua complexidade, que remete, em última instância, ao reconhecimento da falta. O falo, como conceito de uma representação da completude, sempre será mítico: o sujeito, uma vez enlaçado, *mantém algum temor por toda a vida.*

## 1 PERCEPÇÃO – RECEPÇÃO: (DES)ENCONTRO DA PULSÃO E DO OBJETO

*“Também é relevante mencionar que o Ics de uma pessoa pode reagir ao Ics de outra contornando o Cs.”*  
(Freud, 1915a, p. 43)

*“Todas as percepções são de antemão Cs. Tanto as que provêm de fora (percepções sensoriais), como as que provêm de dentro e que chamamos de sensações e afetos.”*  
(Freud, 1923a, p. 33)

Como está dito, a percepção é nosso ponto de partida. Entretanto, antecipamos: ela estará presente como ponto de partida, como meio e como ponto de chegada. Exatamente isso, esse claro enigma freudiano, perpassa todo o processo de constituição do Eu. É um enigma que requer nosso posicionamento de como o compreendemos. No decorrer de sua obra, Freud será impreciso na definição desse conceito, não especificando, por exemplo, a diferença entre percepção e consciência. Suas localizações topográficas circulam entre polos opostos, como na tópica de 1900, ou no mesmo polo, como na tópica de 1923. Com essas polaridades em mãos, sentimo-nos convocados a lhe dar uma maior especificidade. Trilharemos o caminho que visa a fundamentar que percepção e consciência não são sinônimos: “o Ics de uma pessoa pode reagir ao Ics de outra contornando o Cs.” (FREUD, 1915a, p. 43).

Observemos: podemos contornar a consciência, mas não a percepção/recepção. Compreendemos a percepção como um polo de recepção das demandas intrapsíquicas e extrapsíquicas. Se assim for, teremos percepções conscientes e percepções inconscientes. Pensamos que essa proposição dá coerência ao enigmático sentimento de culpa inconsciente. Sim! Uma percepção de culpa, não consciente, que modula o jeito de ser do sujeito: o não sentido, mas vivido, no corpo ou no ato: fato notoriamente explicitado nas manifestações dos *arruinados pelo êxito* (FREUD, 1916). Em 1920, Freud nos fala de registros psíquicos que nunca foram conscientes: “Aliás, os traços de lembranças mais intensos e duradouros são justamente aqueles que foram impressos por um processo que nunca chegou a alcançar a consciência” (FREUD, op.cit, p. 149).

Antes de avançarmos, é importante assinalar que o psíquico vai se fazer acontecer nos encontros e desencontros entre a pulsão e o mundo dos objetos. A pulsão tem sua fonte no corpo e vai ganhando inscrição na medida em que é enlaçada pelo investimento libidinal do objeto (FREUD, 1924c). Portanto, quando lançamos um olhar para as origens – os fundamentos da psique –, estamos em um território que tem uma vocação constitucional para uma total percepção sem consciência: “o mais arcaico, mais elementar e o mais pulsional” (FREUD, 1920, p. 148).

Com essa proposição em mente, buscaremos fundamentar metapsicologicamente o lugar da percepção, em seu duplo aspecto consciente/inconsciente, na estruturação do psiquismo. Tomaremos por interlocutor primordial a sua instrumentalização, diante das vicissitudes do complexo de castração, lembrando a máxima freudiana: “O papel da percepção no Eu é análogo ao da pulsão no Id” (FREUD, 1923a, p. 38).

## 2 A CONSTITUIÇÃO DO EU E SUAS MÚLTIPLAS FACES

Essa talvez seja a chave para entender os assim denominados casos de *personalidades múltiplas* [...]. Mas, mesmo nos casos em que o Eu não chega a esse ponto de fragmentação, pode ocorrer conflitos – não necessariamente patológicos – entre as diferentes identificações nas quais o Eu se desdobrou (FREUD, 1923a, p. 42).

No tempo primevo da psicanálise, já vislumbramos um Eu sendo delineado por Freud. O *projeto para uma psicologia científica* é obra de um neurologista, tentando desbravar as barreiras da medicina de seu tempo, carregando o gérmen de sua teoria.  $\phi$ ,  $\psi$  e  $\omega$  são os elementos que surgem para Freud (1950/1895) dar uma melhor especificidade ao aparelho psíquico que ele desenvolvia. Dentro desta infusão neuronal, encontramos o Eu como uma instância dentro de  $\psi$ , na qual sua função era a de inibir os processos psíquicos primários. Por meio das barreiras de contato de  $\psi$ , retêm-se as marcas mnêmicas, surgindo a memória. Assim,  $\psi$  se encontra entre a percepção e a consciência. Os neurônios impermeáveis, que constituem a memória, estão presentes em  $\psi$ , e os permeáveis, que servem

à percepção, presentes em  $\phi$ . Surge a percepção como algo separado do Eu e já a serviço deste.

A partir da *Carta 52*, em 1896, nasce um esboço de aparelho psíquico, esse cada vez mais desvinculado de uma visão biologicista, entrando na concepção de inscrições mnêmicas, as quais vão concebendo a estruturação de um Eu. Nessa carta, Freud levanta a ideia de haver fronteiras entre um sistema e outro. Estes têm memórias, marcas que ficam registradas, com maior ou menor capacidade de tradução. Essas marcas estão diretamente ligadas ao fator econômico, tão valorizado por Freud, até o fim de sua obra. É por meio de investimentos energéticos que os traços, as marcas e as representações são acessados nos trilhamentos.

A percepção é descrita como polo receptivo, que não armazena as experiências. São necessárias percepções de vivências que acionem uma quantidade maior de energia para que comecem a se formar as primeiras marcas, os primeiros traços. Dependendo da intensidade percebida – se for muito alta –, o aparelho impossibilita a sua passagem para uma marca mais sofisticada, ficando, assim, esses traços barrados, desligados da cadeia de tradução. Aqueles que seguem a evolução chegam ao *status* de representação.

O aparelho que se forma é um aparelho de memória, ou seja, é a partir da retenção das vivências que irá surgindo a malha representacional, essa que nos constitui, que estabelece os limites do Eu. As vivências que serão percebidas são armazenadas e organizadas de forma singular em cada um de nós. A percepção continua a funcionar como o meio pelo qual o nosso Eu constituído irá se deparar com a realidade e, assim, influenciar a forma de lidar com ela.

Em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900), surge o divisor de águas, e nasce a psicanálise de forma mais contundente. Entre *O projeto* e este texto, a *Carta 52* fica no meio do caminho, abrindo terreno para a primeira tópica e o nascimento do inconsciente, propriamente. Nesse momento, o Eu ainda se encontra sem lugar, estando entre o pré-consciente e o consciente, se confundindo com a ideia que ele fosse apenas consciente. Será apenas em 1923 que o Eu ganhará um *status* metapsicológico, pois, até então, se caracterizava apenas pelo econômico e dinâmico; faltava-lhe o topológico.

Após uma década, chegamos ao clássico texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (FREUD, 1911a). Já na nota do editor, ele descreve o

artigo como uma retomada do *Projeto* (FREUD, 1950/1895) e do Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900), preparando para a gama de textos metapsicológicos que estava por emergir. Abordando os conceitos de recalque, autoerotismo, Eu-prazer e Eu-real, Freud vai dando forma aos achados do fim e início do século. Entretanto, agora, pode falar das transformações do Eu, a partir da mudança do processo primário para o secundário, ou do princípio de prazer para o princípio de realidade. É no texto de 1911a que ele estabelece uma semelhança entre o autoerotismo e o período de latência, nos quais a pulsão fica retida em seu desenvolvimento, portando-se como se pudesse prescindir do objeto.

A importância do autoerotismo é de longa data. No trecho da carta a seguir, Freud traz este período anobjetal relacionado com o Eu-original, pela primeira vez mencionado:

Assim, passei a encarar a paranoia como uma irrupção da corrente autoerótica, um retorno a um estado anterior. A formação perversiva a ela correspondente seria a chamada insanidade idiopática. *As relações especiais entre o autoerotismo e o “Eu” original lançariam uma luz clara sobre a natureza dessa neurose.* Nesse ponto, o fio da meada se rompe novamente (FREUD, 1899b, p. 391, grifo nosso).

Este fio da meada rompido volta a ser tecido nos textos metapsicológicos, começando pelo escrito *À guisa de introdução ao narcisismo*. Nesse momento, Freud (1914) postula que o Eu não existe desde o início; ele precisa ser desenvolvido para tornar-se unidade. É um “Eu” original<sup>5</sup>, autoerótico e despedaçado, sem ainda possuir uma unificação destes prazeres corporais dispersos. Freud, já em 1899b, enxergava que a insanidade tinha direta ligação com este estado anterior.

As pulsões autoeróticas estão presentes desde o início, e será necessária uma *nova ação psíquica* para constituir-se o narcisismo. Trazendo como analogia a brincadeira do “liga os pontos”, podemos imaginar que cada ponto é uma zona dispersa do corpo. A interação entre estas zonas por meio da ação do objeto, nomeando a constituição do bebê, irá dando o contorno necessário para o es-

---

5 O termo Eu-original (Real-Ich) é retomado em 1915b no texto *Pulsões e destino da pulsão*.

tabelecimento unitário do Eu. É o que acreditamos ser a *identificação primária* (identificação direta e imediata) (FREUD, 1923a). Assim, concebemos a imagem formada após a ligação de todos os pontos. Agora, o Eu existe; seus pontos fazem parte de um todo, e surge o narcisismo, o Eu.

Essa primeira etapa do narcisismo é a sede do Eu-ideal, momento do Eu-prazer purificado. Será aos poucos que, após identificar-se com os atributos do objeto, este Eu-ideal terá um abastecimento em si para ter o que amar, ele próprio. A partir do narcisismo secundário, o Eu pode investir nos objetos externos e recolher essa libido.

Esse trajeto se mostra complexo à medida que o Eu-prazer precisa ter suficientes vivências de captura pelo aparelho psíquico, para introjetar o objeto e dar uma forma a essa malha representativa. A partir dessa conquista, há um Eu-definitivo que não mais vai se defrontar com sua formação precária. Esse avanço permite que também a percepção possa avançar em sua função, percebendo o mundo externo e interno em outro nível. Ocorre a percepção do Eu e do não Eu. Nesse momento, o Eu não está mais empenhado na introjeção do bom e expulsão do mau, pois já contém o repertório mnêmico, podendo perceber que o que constitui dentro (*Vorstellung*) pode ou não encontrar fora.

O objeto real ganha um novo *status* de existência, dessa forma, de não existência também. Estamos nos primórdios do reconhecimento da falta, da castração. Agora pode ocorrer a internalização do mau como um princípio: o que antes se colocava fora, se introjeta como sendo a falta.

A partir da transição do narcisismo primário para o secundário, esse Eu já possui os sedimentos do objeto, se apropria via identificação e pode abandoná-lo. Ao fazer um processo de luto parcial, alcança o narcisismo secundário, no qual o sujeito já está suficientemente abastecido de sua identidade para investir no mundo externo. No retorno desse investimento, retorna a marca da incompletude. O Eu-ideal ganha o *status* de ideal do Eu, esse que se mantém comprometido com o Eu-ideal, mas cada vez mais regido pelo princípio da realidade. Este Eu, em uma próxima etapa, servirá de mediador do ideal para o superego, herdeiro do complexo de Édipo.

Em 1923a Freud resgata uma dívida metapsicológica com o Eu. No texto *O Eu e o Id*, o Eu passa a existir como uma tópica e ter um lugar. Por meio dos processos identificatórios, o Eu vai nascendo e tomando forma, sendo um precipita-

do de investimentos abandonados. O autor descreve haver uma parte inconsciente do Eu, não só como algo dinâmico, mas estrutural. Nesse escrito, encontramos a definição mais precisa do Eu, na qual o descreve como sendo, acima de tudo, um Eu corporal. Essa afirmativa se junta com a afirmativa da importância da base aberta, referida na *Conferência XXXII* (FREUD, 1933), na qual o Id possui uma ligação direta com o soma. O Eu é uma extensão do Id e, na melhor das hipóteses, ganhará mais espaço por meio do trabalho analítico.

Em 1938, mais no fim da vida, Freud faz um fechamento de sua concepção do Eu, trazendo para o contexto de sua teoria o processo de cisão do Eu de outra forma. A cisão é descrita enquanto uma cicatriz que rompe a tessitura do Eu – de um lado o danifica, de outro amplia a sua plasticidade, evitando o aniquilamento. Neste momento, percebe-se quanto a cisão se mostra paradoxal: ao mesmo tempo que é antagonista à síntese – agente de rupturas –, a partir dela cria-se um espaço que possibilita novas sínteses. Encontramos a presença deste processo tanto nos sintomas neuróticos como no fetiche e no delírio.

### 3 CASTRAÇÃO – CISÃO: AS VICISSITUDES DA PERCEPÇÃO E O EU<sup>6</sup>

A percepção da ameaça de castração operará produzindo no Eu uma necessidade de defesa que, via de regra, se estrutura a partir dos mecanismos de recal-

---

6 Como está posto no decorrer deste escrito, o tema do julgar apresenta-se de forma transversal e longitudinal no pensamento freudiano. Tema complexo que, acreditamos, merece um trabalho específico. Entretanto, consideramos pertinente fazer alguns apontamentos, em particular sobre o juízo de atribuição, de existência e de condenação, em relação ao encontro com a realidade da castração. O de atribuição – o mais primitivo dos juízos – diferencia o Eu do não Eu; consiste na máxima: se é bom é meu; se é mau é coisa do mundo. Na psicose, temos um déficit dessa forma de julgar. O juízo de existência – possibilidade de ir além – já tem a capacidade da diferenciação primordial (Eu/não Eu); o que está em jogo é se existe ou não existe o objeto da satisfação plena. Na perversão, impera a falência desse julgar. Por fim, o juízo de condenação está implicado no reconhecimento e na aceitação do objeto absoluto da falta. Na neurose, temos a presença marcante dos imperativos condenatórios. Portanto, o julgar em suas diferentes modalidades é ponto fundamental para o acontecer do pensamento. Seu processo vai se desenvolver por diversos caminhos, pelos quais a identidade de percepção pode se dar. Nesse sentido, a identidade de pensamento, com sua capacidade exploratória, é uma aquisição que põe em cena a necessidade de um trabalho psíquico para realizar o desejo. Para seguir refletindo sobre esse tema, sugerimos o texto de Paim Filho et al. (2017). Nele, os autores trabalham o processo do julgar, tomando como eixo principal as ideias de Freud do *Projeto*, de 1950/1895, com seus desdobramentos no artigo “A Negativa”, de 1925b.



camento, rejeição ou renegação e tem como resultado a instauração de diferentes formas de cisão, configurando as múltiplas faces do Eu. Abordaremos as diferentes formas de cisão perante a percepção da castração, lembrando que entendemos o conceito de castração como tudo aquilo que remete a uma significação de perda, de separação, de falta, conforme Freud (1926) o trabalha em *Inibições, sintomas e angústia*.

### 3.1 A cisão do recalque (*Verdrängung*)

Desde a pré-história da Psicanálise, Freud mostra-se implicado em propor um modelo de aparelho psíquico e compreender sua estruturação e seu funcionamento. No texto de 1950/1895, *Projeto para uma psicologia científica*, ele menciona neurônios, quantidade de excitação e quantidade de influxo nervoso, tendo em  $\psi$  o centro de sua concepção de um aparelho neuronal. Com a *Carta 52*, de 1896, nos apresenta os sistemas de inscrições como modelo de funcionamento de um psiquismo. Esse modelo sugere a ocorrência da transcrição das inscrições de um sistema a outro.

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante às vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: em uma determinada região, ainda vigoram os *fueros*; estamos em presença de “sobrevivências”. Uma falha na tradução – isto é, o que se conhece clinicamente como *recalcamento* (FREUD, 1896a).

O desprazer despertado seria o ensejo para que essas representações recalçadas não sejam traduzidas. A falta de tradução traz como consequência que essas representações não sejam possíveis de se tornar conscientes pela via do pensamento. Desse modo, o recalçamento seria uma “defesa patológica”, e a “defesa normal” seria aquela que aconteceria dentro de um mesmo sistema de transcrições, a

partir de inibição do desprazer gerado pela representação. Nesse momento, Freud (1896b, p. 195) encontra-se envolvido em apreender a etiologia da histeria como algo vinculado a um “[...] conflito psíquico que emerge quando uma representação incompatível detona uma defesa por parte do ego e solicita um recalçamento”.

Até então Freud apresenta os conceitos de defesa e recalçamento como similares, e como suas dinâmicas são operacionalizadas. Entretanto, em 1911b, no *Caso Schreber*, utiliza-se da clínica para referendar a tese do recalque estruturando o aparelho psíquico aos moldes de 1900. Nesse trabalho de 1911b, porém, promulga os três tempos do recalque: recalçamento primário (fixações), recalçamento propriamente dito e o retorno do recalcado. Somente mais tarde, em 1915, no artigo “Recalçamento”, esse conceito ganha um *status* metapsicológico, ao anunciar que este “[...] não é um mecanismo de defesa existente desde o início, que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência” (FREUD, 1915a, p. 85).

Com a evolução do conceito de recalçamento [*Verdrängung*], este se amplia para além da ideia de defesa e passa a ser aquilo que também opera a divisão tópica do aparelho psíquico; portanto, estruturante – sistemas *Ics* e *Cs*. Diante disso, percebemos a dialética entre recalçamento e Inconsciente, bem como o vínculo indissociável com o estado de desejo. Freud (1900, p. 542) assinala que “só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer. O primeiro desejar parece ter consistido numa catexização alucinatória da lembrança de satisfação”.

Seguindo o pensar freudiano desde *A interpretação dos sonhos* (1900) até seus *artigos metapsicológicos* (1915-1917), verificamos que, para Freud, o desenvolvimento dos processos psíquicos normais e patológicos é estruturado a partir do modelo da vivência de satisfação e do desejo que dela emana. Nesse percorrido, Freud (1900) apresenta a proposição da existência de um conjunto de *moções de desejos* infantis que permanecem inapreensíveis e não inibíveis pelo processo secundário, em função de esse processo ser tardiamente constituído. Logo, “[...] esses desejos inconscientes exercem uma força compulsiva sobre todas as ten-

dências anímicas posteriores, uma força com que essas tendências são obrigadas a aquiescer, ou que talvez possam esforçar-se por desviar e dirigir para objetivos mais elevados” (FREUD, op. cit., p. 547). São desejos cuja realização produziria desprazer e não mais prazer, e é essa transformação do afeto que constitui a essência daquilo que Freud vem nomear de recalçamento.

Em seu artigo de 1915a, Freud alude que o recalçamento seria uma forma de oposição que se apresenta ante a pulsão, de modo a torná-la inoperante, visto que, dela, não se pode fugir. Portanto, opera sobre os representantes pulsionais, interferindo nos destinos do desejo. Dessa forma, o recalçamento tem como objetivo evitar o desprazer, e sua condição está no fato de esse desprazer adquirir um poder maior que o prazer da satisfação. Se toda pulsão busca satisfação, o que se apresentaria com tamanho desprazer, para que esta trilhe o destino do recalçamento?

Em *Totem e tabu*, ao retomar seus pressupostos teóricos sobre o complexo de Édipo, Freud (1913, p. 52) constata que:

[...] as mais antigas e importantes proibições ligadas ao tabu são as duas leis fundamentais do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do clã totêmico do sexo oposto. Esses devem ser, então, os mais antigos e poderosos desejos humanos.

Na vida psíquica, esses desejos edípicos – incesto e parricídio – são contidos pela força do recalçamento. Embora recalçados, porém, continuam vivos no inconsciente, pulsando e se fazendo presentes sob a insistência da proibição. A revelação desses dois tabus parece denunciar o ponto central dos desejos da infância e o núcleo das neuroses. Assim, somos convocados a pensar que as leis e proibições são instituídas em função de um desejo subjacente que precisa manter-se irrealizável, pois sua satisfação colocaria em risco toda organização social e psíquica. “A lei proíbe os homens de fazerem aquilo a que seus instintos os inclinam” (FREUD, 1913, p. 129); pois “onde existe uma proibição tem de haver um desejo subjacente” (FREUD, op. cit., p. 82).

Há um grande salto na teoria freudiana – a virada de 1920 – que propaga uma nova tópica do aparelho psíquico e a entrada do conceito de pulsão de mor-

te, assinalando a angústia como grande motor do aparelho psíquico. “A angústia é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda” (FREUD, 1926, p. 192). Ela atua como causa e produz o recalçamento. A *Verdrängung*, então, é utilizada pelo Eu com um propósito defensivo, como reconhecimento de um perigo, dando sinal de angústia, pondo em movimento o mecanismo de prazer-desprazer, a fim de inibir seu acontecimento – angústia diante da percepção da castração. A castração anuncia a apresentação da finitude, a incompletude.

### 3.2 A cisão da rejeição (*Verwerfung*)

A noção de rejeição (*Verwerfung*) aparece em alguns textos freudianos em uma perspectiva descritiva, como tentativa de elucidação de algumas peculiaridades nos processos defensivos observados por Freud. No entanto, ele não chega a dar-lhe um *status* de conceito.

No alvorecer da psicanálise, em *As neuropsicoses de defesa*, de 1894, tão logo Freud introduz a ideia de defesa contra representações intoleráveis, na forma de um processo de separação entre afeto e ideia, ele já enuncia a existência de “uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida”, por meio da qual “o Eu **rejeita** [*Verwirft*] a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido” (FREUD, 1894, p. 64, grifo nosso). Ele relaciona tal modo de defesa à psicose, ilustrando com um caso de “confusão alucinatória”:

[...] O conteúdo de uma psicose alucinatória desse tipo *consiste precisamente na acentuação da representação* que era ameaçada pela causa precipitante do desencadeamento da doença. Portanto, é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose. O processo pelo qual isso é conseguido escapa, mais uma vez, à autopercepção do sujeito, assim como escapa à análise psicológico-clínica. [...] O Eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a

um fragmento da realidade, de modo que, à medida que o Eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total e parcialmente, da realidade. Em minha opinião, este último evento é a condição sob a qual as representações do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a termo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória (FREUD, 1894, p. 65).

Nesse texto, Freud (1894) trabalha a existência de diferentes métodos de defesa advindos de diferentes patologias. Assim, a rejeição (*Verwerfung*) se faz presente como uma formação defensiva observada nas psicoses, na qual ocorre um rompimento do Eu com a representação incompatível. Esta, porém, permanece ligada à realidade, de modo que, ao romper com a representação, o sujeito também se afasta da realidade.

Como pensar as vicissitudes da percepção na *Verwerfung*? Sustentamos que tal processo de defesa escapa à autopercepção consciente do sujeito, mas segue operando como percepção inconsciente, trabalhando no sentido de perceber e manter cindido tudo aquilo que anuncia a falta, a incompletude. Postulamos a percepção como estruturante do psiquismo. Não estaria, então, a estrutura psicótica – na medida em que rejeita a percepção – em condições de corroborar tal estatuto estruturante?

Ao trabalhar a paranoia, em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*, de 1911, Freud sinaliza que a especificidade dessa patologia está relacionada ao mecanismo da formação dos sintomas ou do recalçamento. Acompanhando o caminho percorrido pela libido, conclui que o doente realizou a retirada do investimento pulsional dos objetos e do mundo externo, e que busca reconstruir essa ligação por meio do trabalho do seu delírio.

Diremos, então, que o processo de repressão consiste num desprender-se da libido em relação a pessoas – e coisas – antes amadas. Ele se realiza em silêncio; não temos notícia dele, somos obrigados a inferi-lo dos eventos consecutivos. O que se faz notar flagrantemente, para nós, é o processo de

cura, que desfaz a repressão e reconduz a libido às pessoas por ela abandonadas. Ele se realiza, na paranoia, pela via da projeção. Não foi correto dizer que a sensação suprimida é projetada para fora; vemos, isto sim, que **aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora** (FREUD, 1911b, p. 94-95, grifo nosso).

Essa articulação de que algo cancelado no interior retorna desde seu “aparecimento” no mundo exterior vem destacar a especificidade de como opera a defesa na psicose. Mais do que recalçado, algo é cancelado no mundo subjetivo, como se deixasse de existir, ou nunca tivesse havido. Tal reflexão aproxima-se daquela ideia de rejeição como uma “defesa muito mais poderosa e bem-sucedida”, constante no artigo de Freud de 1894.

No historial clínico do *Homem dos lobos*, Freud (1918) avança na descrição de diferentes processos de defesa em jogo diante do problema da castração. Apon-ta, na análise do paciente em questão, a presença de “duas correntes opostas, das quais uma abominava a castração, e a outra se dispunha em aceitá-la”, e aporta, ainda, a existência de uma terceira corrente, “[...] mais antiga e profunda, que simplesmente **rejeitara** a castração, em que o juízo sobre a sua realidade não chegou à consideração [...]” (FREUD, 1918, p. 114, grifo nosso). Mais uma vez, ecoa, na teoria freudiana, a ideia de *rejeição* como modo possível de defesa contra a ameaça de castração.

Embora tenha aludido à *Verwerfung* como uma defesa mais antiga e mais profunda, fazendo entrever, assim, sua relevância, Freud parece não se ater marcadamente a este constructo, que não torna a aparecer em seus escritos posteriores.

### 3.3 A cisão da renegação (*Verleugnung*)

A renegação (*Verleugnung*) surge como um primeiro mediador psíquico da percepção da ausência de pênis no sexo feminino, logo, como mecanismo diretamente ligado ao tema da ameaça de castração. Em *A organização genital infantil*, Freud (1923b) descreve como essa percepção opera nos meninos:

Sabe-se como reagem às primeiras impressões da ausência de pênis. Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado. A ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio (FREUD, 1923b, p. 173).

O autor retornará a esta problemática em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, de 1925, abordando as diferenças entre meninos e meninas quanto à percepção da ausência de pênis no sexo feminino. Ele estabelece que, nos meninos, a renegação da diferença anatômica ocorre antes de a percepção da ameaça de castração se tornar efetiva, ao passo que, nas meninas, de pronto elas percebem a ausência do pênis, mas recusam-se a admiti-la: “ela [a menina] viu, sabe que não tem e quer ter” (FREUD, 1925a, p. 291). Freud (1925a) aponta que esse mecanismo de renegação é comum na vivência psíquica infantil, e não chega a se tornar perigoso. Porém, no adulto, seria um desencadeante de uma psicose.

Após a formulação da segunda tópica, ao revisar suas concepções à luz da nova estruturação do aparelho psíquico, Freud (1924a, 1924b, 1927, 1940) dedica-se ao estudo do mecanismo da renegação (*Verleugnung*) como forma de percepção da realidade externa em sua relação com a castração, associando tal defesa à psicose e à perversão. Deste percurso teórico, emergirá a fundamental questão da cisão do Eu.

Em *Neurose e psicose*, Freud (1924b, p. 95) chega à formulação de que “[...] a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e o Id, ao passo que a psicose seria o resultado de uma perturbação nas relações que o Eu mantém com o mundo externo”. Na psicose, se daria a recusa das realidades externa e interna, visto que os impedimentos à satisfação do desejo seriam tomados como intoleráveis. Em contrapartida, os anseios do Id subjugariam o Eu e influenciariam a criação onipotente de novas realidades.

Questionando o que leva o Eu a conseguir fazer frente às demandas e aos conflitos entre as diversas instâncias sem adoecer, o autor sugere que dois fatores devem ser considerados: a configuração da economia psíquica e as deformações e fragmentações do Eu. Ao encerrar este artigo, indaga “qual seria o mecanismo, análogo ao recalque, pelo qual o Eu logra se desprender do mundo externo?” (FREUD, 1924b, p. 98).

Em *A perda da realidade na neurose e na psicose*, Freud (1924a) continua buscando diferenciar os mecanismos utilizados nessas duas condições clínicas para lidar com conflitos despertados perante a realidade. Neste texto, Freud coloca que ali onde a neurose faz o caminho de minimizar a importância e o significado de mudanças na realidade, mitigando a pulsão por meio do recalque, a via empreendida na psicose seria a de desmentir (*Verleugnen*) tais alterações da realidade. Freud compara os movimentos da neurose e da psicose, no que tange ao afastamento da realidade, indicando dois momentos na formação de sintomas em cada quadro: o recalque e o retorno do recalçado na neurose; e o alijamento da realidade e a consequente tentativa de reparação na psicose. Entretanto, na psicose, esse esforço de restituição ocorreria às custas do próprio relacionamento com a realidade, na medida em que o que se observa sendo produzido nesta patologia é a criação onipotente de outra realidade que pareça menos insuportável ao sujeito. Freud substancia que a psicose renega a realidade e busca substituí-la. O autor destaca, novamente, que são os anseios de poder do Id que se impõem sobre a realidade e a necessidade. Sucede-se, dessa forma, uma reconfiguração da realidade.

Constata-se que, na psicose, o trabalho de reconfiguração da realidade opera sobre os precipitados psíquicos – formados a partir do contato com a realidade –, ou seja, sobre os traços de memória, as representações e os juízos, por meio dos quais a realidade se fazia representar no mundo psíquico. A relação com a realidade, porém, nunca se encerra, ela é continuamente enriquecida e modificada por novas percepções. Dessa forma, também para a psicose coloca-se a tarefa de providenciar percepções que estejam em sintonia com a nova realidade, o que é conseguido de forma radical pela via da



alucinação. O fato de, em muitos casos de psicose, as ilusões de memória, os delírios e as alucinações serem extremamente dolorosos e desencadearem fortes reações de medo indica que essa remodelação se processa sobre forças que estão em intensa oposição mútua (FREUD, 1924a, p. 129).

No artigo *Fetichismo*, Freud (1927, p. 162) retoma o processo de renegação (*Verleugnung*), ao indicar que “o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e do qual [...] não quer de modo algum abdicar”. Assim, o fetiche é formado a partir da recusa da percepção da falta do pênis na mulher, e “permanece como indício do triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela” (FREUD, op. cit., p. 163).

Aludindo a casos clínicos nos quais uma recusa da realidade não havia desencadeado uma psicose, Freud (1927) observava que, nesses casos, somente uma determinada corrente da vida psíquica renegava a realidade, ao passo que outra corrente se apresentava capaz de dar conta dos fatos. Assim, uma atitude se ajustava ao desejo, e outra se ajustava à realidade, mas elas coexistiam lado a lado. Esta presença de duas disposições opostas remete ao tema da divisão do Eu.

Freud (1938) aborda mais diretamente esta questão no texto *A cisão do Eu no processo de defesa*, no qual examina dois tipos de comportamento diferentes do Eu perante o conflito entre as exigências de satisfação pulsional e os perigos advindos das restrições impostas pela realidade, nominalmente, a ameaça de castração: de um lado a renúncia à satisfação, de outro a recusa (*Verleugnung*) da realidade. Freud (1938, p. 173) alude ao fato de a criança adotar as duas posturas ao mesmo tempo, ou seja, não escolher um dos caminhos e responder a este “conflito com duas reações opostas, ambas válidas e ativas”. Prossegue ponderando que tal solução só pode ser alcançada “ao preço de um rompimento na tessitura do Eu, a qual não mais cicatriza, ao contrário só aumenta à medida que o tempo passa” (FREUD, op. cit., p. 174). O autor considera que, embora tal cisão engendre a renegação de uma parte da realidade, a diferença em relação à psicose encontra-se no fato de que, nesta, as percepções recusadas passam a ser alucinadas.

O tema da divisão do Eu e sua relação com a psicose é retomado por Freud em seu *Esboço de psicanálise*, de 1940. Neste trabalho, Freud chama a atenção

para o fato de que, mesmo em casos graves de psicose, o desligamento do Eu em relação à realidade nunca se dá de forma completa; uma parte do Eu mantém-se conectada à realidade em algum nível. Disso, o autor depreende que uma divisão do Eu se faz presente nas psicoses. “Duas atitudes psíquicas formam-se, em vez de uma só – uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o ego da realidade” (FREUD, 1940, p. 215). Freud (1940) pondera que essas duas atitudes têm forças relativas, e que, se a parte que se desliga da realidade é a mais intensa, tem-se o ensejo para o surgimento da psicose.

A causa precipitadora da irrupção de uma psicose é ou que a realidade tornou-se insuportavelmente penosa ou que os instintos se tornaram extraordinariamente intensificados – ambas as quais, em vista das reivindicações rivais feitas ao ego pelo id e pelo mundo externo, devem conduzir ao mesmo resultado (FREUD, 1940, p. 215).

Aqui, cabe sinalizar que a renegação (*Verleugnung*) parece inaugurar uma cisão vertical no psiquismo, uma cisão do próprio Eu, que se divide como modo de negociação com essas reivindicações rivais. Se a divisão do recalque submerge o Id, e se a cisão da rejeição escotomiza a realidade externa, a cisão da recusa instaura diferentes “Eus” paralelos.

A dimensão constitutiva do mecanismo de renegação parece ter sido pensada por Freud (1937, p. 358) também no que se refere à aversão masculina a uma “postura passiva ou feminina em relação a outro homem”. Freud aponta que essa recusa da feminilidade, no homem, e a inveja do pênis, na mulher, são conteúdos com os quais as análises esbarram regularmente, ambos se configurando como comportamentos perante o complexo de castração. Colocando algumas considerações sobre o conceito de “repúdio ao feminino”, Paim Filho e Quadros (2008) indagam sobre o uso, por Freud, da palavra *Ablehnung* em vez da palavra *Verleugnung*, designando recusa ou repúdio. Os autores propõem a hipótese de que Freud teria utilizado o termo *Verleugnung* para se referir ao psicopatológico, e o termo *Ablehnung* como algo que expressasse um possível fator constitutivo.

### 3.4 Destinos da percepção: um olhar sobre as cisões na *Gradiva* de Jensen

“– *Eu me chamo Zoé.*

*Ele exclamou num tom doloroso:*

– *Esse nome combina muito contigo, mas soa aos meus ouvidos como uma amarga ironia, pois Zoé quer dizer vida.*

– *É preciso se resignar com o que não se pode mudar – respondeu ela – e há muito tempo já me habituei a estar morta. Mas agora meu tempo já se esgotou. Tu me trouxeste a flor dos tímulos para que ela me mostre o caminho. Dá-me, portanto.*

*Ao levantar-se, ela estendeu a mão e ele lhe entregou o ramo de asfódelo, tomando cuidado para não lhe roçar os dedos.*

*Aceitando-o, ela disse:*

– *Eu te agradeço. A outras, mais privilegiadas, as rosas da primavera; a mim, vinda de tua mão, só convém a flor do esquecimento”*

(Jensen, 1987, p. 65-66).

Aqui, sentimo-nos instigados a resgatar o romance *Gradiva: uma fantasia pompeiana*, de Wilhelm Jensen – bem como algumas considerações freudianas sobre esta obra –, a título de ilustração do que estamos articulando neste estudo. Encontramos, no personagem Norbert Hanold, uma plasticidade defensiva na qual podemos observar as diferentes cisões operando no sujeito. Nossa pretensão não é retomar o estudo desse romance, e sim elencar alguns pontos que servem de mote ao tema abordado.

Diante da necessidade de defender-se do desejo erótico (FREUD, 1907) e da percepção de seu amor por Zoé Gradiva, acompanhamos, na narrativa, os labirintos percorridos pelo personagem por meio de suas formações inconscientes, em seu caminho de busca e também de fuga de seu desejo. O personagem Norbert Hanold levava uma existência absolutamente voltada para a sua ciência, sem nenhum interesse por mulheres ou relacionamentos. Assim é que nos deparamos com um arqueólogo para quem “o sexo feminino não existia, [...] a não ser nas espécies do bronze e do mármore, e ele nunca tinha dado a menor atenção a suas representantes contemporâneas” (JENSEN, 1987, p. 16). Poderíamos pensar em

um funcionamento cindido, instaurado sob a égide de uma renegação (*Verleugnung*)?

Hanold desenvolveu um significativo interesse por uma escultura em baixo-relevo representando uma mulher, que ele passou a chamar de Gradiva. Intrigava-lhe a forma de andar de Gradiva – um pé, antes da mulher – e ele passou a indagar-se se isto estaria de acordo com a vida real. Hanold lamentava que ela fosse “apenas obra da imaginação e da vontade do escultor, e não correspondesse à realidade” (JENSEN, 1987, p. 17). Após sonhar que “Gradiva era pompeiana, morava em sua cidade natal e, com certeza, na mesma época que ele” (JENSEN, 1987, p. 18), Hanold começa a tecer uma convicção delirante sobre a existência e a morte de Gradiva. Seus delírios e sonhos o conduzem a uma viagem em busca por essa mulher de mármore. Antes de encontrar Zoé Gradiva, Hanold sente-se muito incomodado com os casais em lua de mel que ele encontra em seu caminho. Fica irritado com o barulho de moscas que ele considera “a prova irrefutável da inexistência de uma harmonia racional no mundo” (JENSEN, 1987, p. 35). Seria esse um incômodo com o barulho da vida da qual ele se vê, até então, rigidamente apartado? Lançando um olhar para o final da história, vislumbramos o caminho que vai conduzindo Norbert Hanold à possibilidade de reencontro com Zoé Bertgang e seu amor por ela.

Para o que objetivamos aqui, cabe ressaltar as cisões colocadas ao longo dessa trajetória. Iniciamos apontando a possibilidade de uma renegação (*Verleugnung*) no que se refere ao desinteresse pela vida amorosa, rompimento em nome do pé de uma mulher. Supomos que esse pé, como um sintoma-fetichê, tenha cumprido a função, via a renegação que comporta, de dar ancoragem para que Hanold pudesse iniciar sua viagem pela arqueologia de seu inconsciente: possibilidade de vir a saber sobre seus secretos desejos, mesmo que de forma ambígua: *Eu te agradeço. A outras, mais privilegiadas, as rosas da primavera; a mim, vinda de tua mão, só convém a flor do esquecimento.*

Acompanhamos o surgimento do interesse pelo feminino no escopo de uma produção delirante, o que nos faz pensar na rejeição (*Verwerfung*), naquilo que, tendo sido repudiado internamente, retorna desde o real – a busca por essa mulher esculpida em um baixo-relevo sobre a qual Hanold adquiriu uma convicção

de existência, no mundo dos mortos: há muito tempo já me habituei a estar morta. Tu me trouxeste a flor dos túmulos para que ela me mostre o caminho.

Finalmente, não podemos deixar de sinalizar o recalque em seu tempo de tentativa de retorno, seja na pressão exercida que se apresenta por meio dos pensamentos oníricos, seja nos incômodos que não deixam de desacomodar o personagem (os barulhos das moscas, o olhar para os casais), bem como na oportunidade de integrar seus delírios em seu mundo onírico. Nesse processo, a barreira do recalque, balizada pela rejeição e pela renegação, se faz mais efetiva, o que oportuniza ao nosso personagem reencontrar-se com seu mundo infantil e suas vivências eróticas com Zoé, descobrindo o feminino como objeto do desejo. O temor paralisante da castração encontra proteção na renúncia que o recalque proporciona. Esse é um cenário propício para o emergir da dúvida, em meio às certezas: *Esse nome combina muito contigo, mas soa aos meus ouvidos como uma amarga ironia, pois Zoé quer dizer vida.*

Assim, encontramos no personagem Norbert Hanold uma variação das facetas do Eu. De uma forma mais plástica, ele utiliza-se das diferentes formas de defesa perante a castração. Em alguns momentos, faz uma rejeição maciça da realidade, regredindo a um momento em que não há falta, no qual objeto e Eu são o mesmo: o feminino da ciência de Hanold cumprindo exemplarmente esta função. Em outros momentos, consegue lidar com as diferenças e com a falta, estando a separação internalizada e havendo um recalque do desejo.

Essas múltiplas faces do Eu de Hanold ilustram como a percepção é utilizada pelo sujeito, perante o saber/não saber sobre a realidade da castração. Percebe-se que é por meio da distorção da percepção da castração ou de sua validação que se estruturam os diferentes tipos de cisão do aparelho psíquico. Sendo em um nível mais patológico ou não, as formas de cisão efetuadas pelo aparelho psíquico são as defesas empreendidas perante o polo perceptivo, interno e externo, consciente e inconsciente, existindo essa intrínseca relação entre os mecanismos de cisão e a formação do Eu. Dependendo das várias percepções que o aparelho psíquico recebe, terá de valer-se de formas para lidar com a intensidade traumática, renegando-a, rejeitando-a ou internalizando-a.

Por meio dessas proposições, em meio a percepções conscientes e, sobretudo, inconscientes, chegamos ao tempo de concluir este trabalho. Tal conclusão,

porém, não reivindica um estatuto de resposta à nossa inquietação inicial sobre o enigma de Freud ter retomado o tema da cisão ao final de sua vida. Entretanto, cumpriu a função de nos reconectar com a importância dessa temática para a estruturação da psique. Nosso percorrido marca nossas construções e nos revela, acima de tudo, novos questionamentos.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 3).

\_\_\_\_\_. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 1).

\_\_\_\_\_. (1896a). Carta 52. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 1).

\_\_\_\_\_. (1896b). A etiologia da histeria. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 3).

\_\_\_\_\_. (1899a) Carta de 21/09/1899a. In: MASSON, J. M. (Ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_. (1899b) . Carta de 09/12/1899b. In: MASSON, J. M. (Ed.). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_. (1900). Interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 5).

\_\_\_\_\_. (1907). Delírios e sonhos da Gradiva de Jensen. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 9).

\_\_\_\_\_. (1911a). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. (1911b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia autobiograficamente descrito. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 12).

\_\_\_\_\_. (1913). Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 12).

\_\_\_\_\_. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

\_\_\_\_\_. (1915a). O recalçamento. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 12).

\_\_\_\_\_. (1915b). Pulsões e destino da pulsão. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

\_\_\_\_\_. (1916). Os arruinados pelo êxito. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 14).

\_\_\_\_\_. (1918). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: \_\_\_\_\_. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 14).

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

\_\_\_\_\_. (1923a). O Eu e o Id. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1923b). A organização genital infantil. In: \_\_\_\_\_. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 16).

\_\_\_\_\_. (1924a). A perda da realidade na neurose e psicose. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1924b). Neurose e psicose. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1924c). O problema econômico do masoquismo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1925a). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: \_\_\_\_\_. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 16).

\_\_\_\_\_. (1925b). A negativa. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 12).



\_\_\_\_\_. (1927). Fetichismo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1933). Ansiedade e vida pulsional. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 23).

\_\_\_\_\_. (1937). A análise finita e a infinita. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

\_\_\_\_\_. (1938). A cisão do Eu no processo de defesa. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 3).

\_\_\_\_\_. (1940). Esboço de psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 23).

JENSEN, W. **Gradiva**: uma fantasia pompeiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

PAIM FILHO, I. A.; QUADROS, V. A guerra e o repúdio ao feminino: Tróia como paradigma. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 99-109, dez. 2008.

PAIM FILHO, I. A. et al. Percepção: pensamento: uma proposição metapsicológica. **Revista do IEPP: Psicoterapia Psicanalítica**, Porto Alegre, v. 19, 2017.

## Perception-castration-split: The Multiple Faces of the Ego

### ABSTRACT

In the present study, we propose to reflect the problematic of perception, from the freudian perspective, in its double vertex – conscious and unconscious – in his intimate metapsychological relation of the Ego. With this expectation, we take the castration complex as mediator, the one that has the function of being the organizer, par excellence, of the psychic life. We work on the consequences of his perception in the processes of splits of the Ego: repression (*Verdrängung*), denial (*Verleugnung*) and repudiation (*Verwerfung*). Context invested, in the sense of instrumentalizing resources that give support, that allow to move beyond the psychopathological bias. Faced with this configuration, we use the character Norbert Hanold, in Jensen's *Gradiva*, to personify the structural plasticity of the Ego with its splitting in the processes of defense. Thus, we understand that the vicissitudes of these splitting are the modellers of the multiple faces of the Ego.

**Keywords:** Splitting. Ego. Repression. Repudiation. Denial. Complex castration. Perception.